



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research
Vol. 10, Issue, 02, pp. 33779-33785, February, 2020



SHORT COMMUNICATION

OPEN ACCESS

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: DESCOBERTA E REPERCUSSÃO NAS RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS

*¹Martha Rodrigues Aureo Barbosa, ¹Laissa Renara Piauilino Nunes, ¹Taís Pereira dos Santos, ²Angelina Monteiro Furtado, ³Allamy Danilo Moura e Silva and ⁴Jardeliny Corrêa da Penha

¹Enfermeira, Graduada pela Universidade Federal do Piauí. Floriano, Piauí, Brasil

²Enfermeira. Professora Mestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí. Floriano, Piauí, Brasil

³Enfermeiro. Professor Mestre do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Piauí. Floriano, Piauí, Brasil

⁴Enfermeira. Professora Doutora do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí. Floriano, Piauí, Brasil

ARTICLE INFO

Article History:

Received 18th November, 2019

Received in revised form

03rd December, 2019

Accepted 26th January, 2020

Published online 27th February, 2020

Key Words:

Enfermagem; Gravidez na adolescência; Relações familiares; Apoio social.

*Corresponding author:

Martha Rodrigues Aureo Barbosa

ABSTRACT

Objetivo: descrever as percepções das adolescentes sobre a descoberta da gestação e as repercussões sociais e familiares. **Método:** estudo descritivo-exploratório, transversal e qualitativo, desenvolvido com três adolescentes grávidas, acompanhadas numa Unidade Básica de Saúde, de um município do centro-sul piauiense, Nordeste brasileiro. A coleta de dados aconteceu entre agosto e outubro de 2017, por aplicação de roteiro de entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados pela técnica de análise de conteúdo categorial temática. Foram utilizados, para a identificação da rede familiar e social, genograma e ecomapa. **Resultados:** As relações familiares e sociais das entrevistadas se davam em meio a ambientes conturbados, com restrita participação na comunidade e na escola. Com a gestação, novos arranjos familiares se formaram e as relações se estenderam à Unidade Básica de Saúde. A descoberta da gravidez para as adolescentes trouxe felicidade. **Considerações finais:** Revelaram-se aspectos positivos de uma gravidez na adolescência, formação de novas ligações afetivas, mas também negativos, que se relacionavam ao meio familiar instável.

Copyright © 2020, Dan Călugăru and Mihai Călugăru. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Martha Rodrigues Aureo Barbosa, Laissa Renara Piauilino Nunes, Taís Pereira dos Santos, Angelina Monteiro Furtado, Allamy Danilo Moura e Silva and Jardeliny Corrêa da Penha. 2020. "Gravidez na adolescência: Descoberta e repercussão nas relações familiares e sociais", *International Journal of Development Research*, 10, (02), 33779-33785.

INTRODUCTION

A gravidez na adolescência pode ser definida como um problema social de múltiplos fatores associados (Pinzón-Rondón *et al*, 2018). Estima-se que em todo o mundo, 7,3 milhões de adolescentes vivenciem a maternidade a cada ano. Entre elas, 1,1 milhões são menores de 15 anos (UNFPA, 2017). No Brasil, 16,45% dos nascidos vivos são filhos de mães adolescentes (Brasil, 2017). Ser mãe no começo da vida reprodutiva pode acarretar inúmeras consequências, dentre as quais: riscos físicos, emocionais e sociais, integrados à pobreza, à baixa capacitação escolar e a resultados perinatais negativos, contribuindo para reprodução do ciclo de pobreza (Ibiapina *et al*, 2017). Nas famílias, a gestação precoce pode gerar conflitos, impactos emocionais e mudanças significativas, as quais quase sempre são negativas em função das modificações no trajeto de vida desejado e pela

desestrutura e desorganização familiar (Jezo *et al*, 2017; Tabora *et al*, 2014). Por outro lado, a gestação na adolescência, quando aceita, independente da classe econômica, pode trazer aspectos positivos, principalmente demonstrados pelas mães das adolescentes, identificadas como o membro familiar que se mostra feliz e oferece auxílio, fato que coopera para uma rede de apoio que ajuda na maneira com que a gravidez é vivenciada por adolescentes (Pinzón-Rondón *et al*, 2018; Tabora *et al*, 2014; Demori 2018). Com base nisso e considerando a necessidade de se compreender a dinâmica familiar e social de adolescentes grávidas, a fim de se estabelecer um cuidado em saúde integral e holístico, objetivou-se descrever as percepções das adolescentes sobre a descoberta da gestação e as repercussões sociais e familiares. Com isso, buscar-se-á mais entendimento sobre os aspectos positivos e negativos da gravidez na adolescência, envolvendo repercussões familiares e sociais advindas deste

acontecimento, de modo a contribuir para promover a saúde integral das adolescentes grávidas e para a continuidade dos sonhos e futuro planejados por elas. O presente estudo se faz importante também por utilizar genogramas e ecomapas para o estabelecimento das relações familiares e sociais vivenciadas pelas adolescentes antes e depois, com a descoberta da gravidez. No Brasil, estes instrumentos são muito utilizados pela enfermagem como ferramentas complementares na coleta de dados em pesquisa (Nascimento *et al*, 2014). Eles são úteis para avaliar a composição familiar e as interações que ocorrem entre os membros da família e fora dela, permitindo aprofundar o registro de famílias que apresentem maior risco ou vulnerabilidade em um território (Nascimento *et al*, 2005).

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, transversal e qualitativo, desenvolvido em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), de um município do centro-sul piauiense, localizado no Nordeste brasileiro. Foram selecionadas três (03) adolescentes grávidas entre 16 e 19 anos (Azaleia, Rosa e Tulipa), por meio do critério de saturação dos dados/informações (Fontanella *et al*, 2008) e dos critérios de inclusão (com confirmação da gravidez por médico ou enfermeiro da UBS e que estivesse em acompanhamento pré-natal na referida unidade). Inicialmente, foi realizado um contato do pesquisador com as adolescentes, via visita domiciliar, acompanhado por com um agente comunitário de saúde, para divulgação da pesquisa. Em seguida, foram agendados data e horário conforme a disponibilidade da adolescente. Em duas situações a entrevista foi realizada no domicílio e em outra, na UBS. Destaca-se que para manter a individualidade e o sigilo das informações cedidas durante a coleta de dados, as entrevistas ocorreram em local reservado. A coleta de dados aconteceu entre os meses de agosto e outubro de 2017, com duração média de 60 minutos por entrevista. Os dados foram obtidos por um roteiro semiestruturado, elaborado com base no objetivo do estudo e adaptado de Sena Filha (2013), contemplando indagações acerca da descoberta da gestação e sobre a repercussão nas relações familiares e sociais da gravidez.

As entrevistas foram audiogravadas, com a finalidade de se alcançar maior autenticidade na transcrição dos dados, preservando e registrando todos os detalhes das falas dos entrevistados. Além disso, ao final da gravação, iniciou-se o processo dos genogramas e ecomapas com cada adolescente, para tanto, elas foram questionadas sobre a constituição familiar e social antes e depois da descoberta da gravidez (com quem residiam, quais locais frequentavam e com quem). Destaca-se aqui que se adotou a seguinte definição de família: é a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa (Brasil, 2006). Os dados foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo categorial temática de Bardin (2011). Esta autora propõe três etapas, são elas: a I, denominada de pré-análise, consiste na organização do material a ser investigado; II, exploração do material, constitui-se a partir da construção das operações de codificação, considerando-se os recortes dos textos em unidades de registros (temas) e a classificação e agregação das informações em categorias temáticas (“descobrir a gravidez na adolescência” e “impacto nas relações familiares e sociais”); e III, tratamento dos resultados e interpretação, momento no qual os resultados foram tornados significativos e válidos.

Após a análise das entrevistas, houve o aprimoramento dos genogramas e dos ecomapas, os quais foram transcritos no *software* GENOPRO, 2016 versão 3.0.0.0., com licença gratuita para quinze dias de uso. O projeto foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa, com parecer nº. 2.350.969. Ressalta-se que foi solicitada autorização e assinatura ou impressão digital do polegar dos Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelas adolescentes participantes, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos responsáveis legais, ambos em duas vias. E para a preservar a identidade das participantes, a identificação foi feita pelos pesquisadores, os quais registraram no instrumento de coleta de dados um nome de flor (por exemplo: Cravo) para a adolescente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As três adolescentes tinham idade entre 16 e 19 anos, renda familiar de um salário mínimo, eram pardas, católicas, em união estável, não frequentavam a escola no momento da gravidez e estudaram em média sete anos. No que concerne à análise das falas das entrevistadas, foram obtidas as seguintes categorias temáticas: 1- descobrindo a gravidez na adolescência e 2- impacto nas relações familiares e sociais. Apresentam-se ainda neste tópico os genogramas e ecomapas construídos.

Descobrir a gravidez na adolescência: As falas das adolescentes sobre a descoberta da gravidez, em maioria, revelaram felicidade. Nota-se, que o desejo de engravidar, com tentativas já realizadas, estava presente no cotidiano de uma delas.

Há, aí eu fique foi muito feliz, (risos) fiquei. Parece que era a coisa que eu mais queria, parece! (Azaleia)

Eu fiquei muito feliz, porque eu já estava tentando e já queria a criança e ser mãe. (Rosa)

Corroborando com o achado acima, estudo realizado em Patos-PB, com adolescentes em uma maternidade pública, com o objetivo de identificar as reações delas diante da gravidez, verificou que a gestação é uma forma de efetivar a feminilidade, além de trazer mais autonomia familiar, como a possibilidade de morar na sua casa própria com a nova família, fato que proporcionou felicidade às participantes (Lima *et al*, 2017). Entretanto, sentimentos de angústia e medo do aumento da responsabilidade também foram relatados com a descoberta da gravidez, como apontado por uma entrevista:

Meu Deus! Senti medo e angústia. Eu tive medo de não saber cuidar de... é ... também da responsabilidade que ia aumentar e ia ser grande. (Tulipa)

O medo e a angústia se devem à responsabilidade concedida às adolescentes ao engravidar, aos cuidados com o bebê e dúvidas relacionados ao parto e às mudanças do corpo. Além disso, a gravidez relaciona-se com os arranjos delicados e necessários que a família realiza e que traz para as adolescentes uma noção mais realista das consequências de uma gravidez precoce (Silva *et al*, 2014; Tabora *et al*, 2014). Questionadas sobre a reação da família com o descobrimento da gravidez, as adolescentes revelaram que vivenciaram momentos de angústia e medo, marcados, em alguns casos, por violência

física e psicológica, inclusive com menção à realização de aborto.

Surpresa, nervosismo, ficaram muito angustiados e eu com medo. (Tulipa)

Há, rapaz! Ai foi muita briga, eu levei uns tapas e estava muito nervosa. (Azaleia)

Ficaram todos em pânico, minha mãe queria que abortasse, minhas irmãs queria também, tinha os que não. (Rosa)

A propósito do momento da descoberta da gravidez, pesquisa desenvolvida, em um hospital do interior do Rio Grande do Sul-RS, evidenciou sentimentos semelhantes aos vivenciados pelas adolescentes entrevistadas, como medo e ainda insegurança e rejeição, por não se sentirem preparadas para exercer a função de mãe. Além disso, a primeira reação foi descrita como um susto, tanto para elas quanto para a família, ocasionado pelo não planejamento da gestação e possível negação da condição de gestar um filho (Cremonese *et al*, 2019). Os sentimentos de medo e insegurança e o sofrimento psicológico gerados pela falta de apoio familiar, no momento da descoberta da gravidez, também foram observados em investigação que objetivou apresentar as experiências de uma adolescente de 17 anos, que descreveu sua vivência frente duas gestações em tenra idade, em que os relatos referiam a presença de intimidação por parte da sociedade e dos familiares, provenientes dos olhares de preconceito que afloraram no momento em que engravidou (Moreno Mojica *et al*, 2017). O apoio às adolescentes grávidas nesse momento se faz importante, pois vínculos familiares positivos também contribuem para o autocuidado e adesão às ações de saúde, o que poderá favorecer frequência contínua ao acompanhamento pré-natal, a fim de garantir desenvolvimento de uma gestação e nascimento saudáveis.

Impacto nas relações familiares e sociais: Por meio das entrevistas, verificou-se ainda o universo familiar das adolescentes e a relação delas com suas famílias. Duas das adolescentes julgaram ter uma boa relação com a mãe, no entanto, compreendeu-se que a mesma ocorria em meio a um ambiente instável emocionalmente e para uma delas ocorreu ainda o distanciamento físico.

Minha relação com minha mãe é boa, só as vezes que (...) eu tenho pai, mas ele não mora aqui, e a relação com ele não é boa. (Rosa)

Com ela (mãe) é boa. (Tulipa)

Minha família é minha mãe adotiva e minha prima, mas não é bom com minha mãe não, não temos ligação ela me criou, só isso! Eu conheço minha mãe biológica, mas ela não é família é uma pessoa qualquer nesse mundo. (Azaleia)

Nota-se que as relações familiares das entrevistadas eram frágeis e destacavam-se pela ausência da figura paterna das adolescentes. Isto também foi evidenciado em pesquisa, na qual foi observada a monoparentalidade feminina, ou seja, apenas a presença da mãe, o que provocou desajustes, os quais refletiram nas relações intrafamiliares existentes e no contexto cultural e comportamental das adolescentes (Silva *et al*, 2014).

Ademais, observou-se também como era o relacionamento da adolescente com o pai da criança e com a família deste, notando-se nos relatos que os sentimentos familiares em relação aos novos membros eram de rejeição e de receio, como a fala abaixo desponta:

Com a família dele é ruim, as irmãs dele, os tios, tia, eles são ruins pra mim. A mãe dele já faleceu. (Rosa)

Como posto na fala acima, relações familiares conflituosas foram observadas no relacionamento da família pai da criança e com a adolescente. Neste contexto, estudo desenvolvido em São Paulo-SP, com o objetivo de compreender as potencialidades e vulnerabilidades das adolescentes grávidas diante das situações de violência doméstica sofrida, revelou que a aversão da família do companheiro em relação aos relacionamentos amorosos dos filhos pode levar à violência psicológica direcionada às adolescentes, o que gera repercussões emocionais importantes na vida dessas jovens (Salcedo Barrientos *et al*. 2013). Pode-se inferir que isto poderá interferir na aceitação da gestação, tornando vulnerável a adolescente e o feto. Por outro lado, duas adolescentes evidenciaram sentimentos de aceitação por parte dos membros da família do pai da criança, demonstrando empolgação em relação à nova família em que estava se inserindo, pelo fato de serem aceitas no meio familiar dos seus parceiros.

Há, é ótima, com a família dele é ótima, eu acho que é melhor de que com ele. (Azaleia)

Eu (...), tenho mais (contato) com a mulher que criou ele, e é boa pra mim, sim! (Tulipa)

Confirmando esse acontecimento de aceitação por parte da família do pai da criança, pesquisa realizada em dois hospitais públicos do interior do Estado do Rio Grande do Sul-RS, que investigou a vivência da paternidade e o envolvimento paterno em práticas de cuidados ao bebê pequeno, constatou que, embora a gestação na adolescência, produza atitudes distintas, é muito importante o apoio da família, com demonstração de afeto, aproximação e aceitação em relação a paternidade de seu filho (Jager; Dias, 2015). Tratando-se da convivência da adolescente grávida com o pai da criança, pela fala de duas das adolescentes é evidenciada a existência de momentos conflituosos.

É, eu gosto dele, às vezes, porque tem hora que ele é muito ciumento por causa de besteira. (Azaleia)

Bom e ruim. Ele às vezes é legal e muitas vezes é enjoado. (Rosa)

Muitas vezes os relacionamentos conflituosos ou situações de violência, acompanham as adolescentes desde sua infância, seja recebendo-as diretamente ou presenciando-as, o que pode repercutir em suas vidas como um modelo a ser seguido (Teixeira *et al*, 2015). Além disso, a existência dos conflitos pode interferir no processo gestacional, visto que as adolescentes podem se sentir desmotivadas a comparecer aos serviços de saúde para acompanhamento pré-natal, bem como não aderir às terapêuticas instituídas pelos profissionais de saúde, a exemplo a suplementação de ferro e ácido fólico. A não existência de conflitos com o pai da criança foi evidenciada no relato de apenas uma das adolescentes, que expressou tranquilidade sobre o relacionamento amoroso. Esta

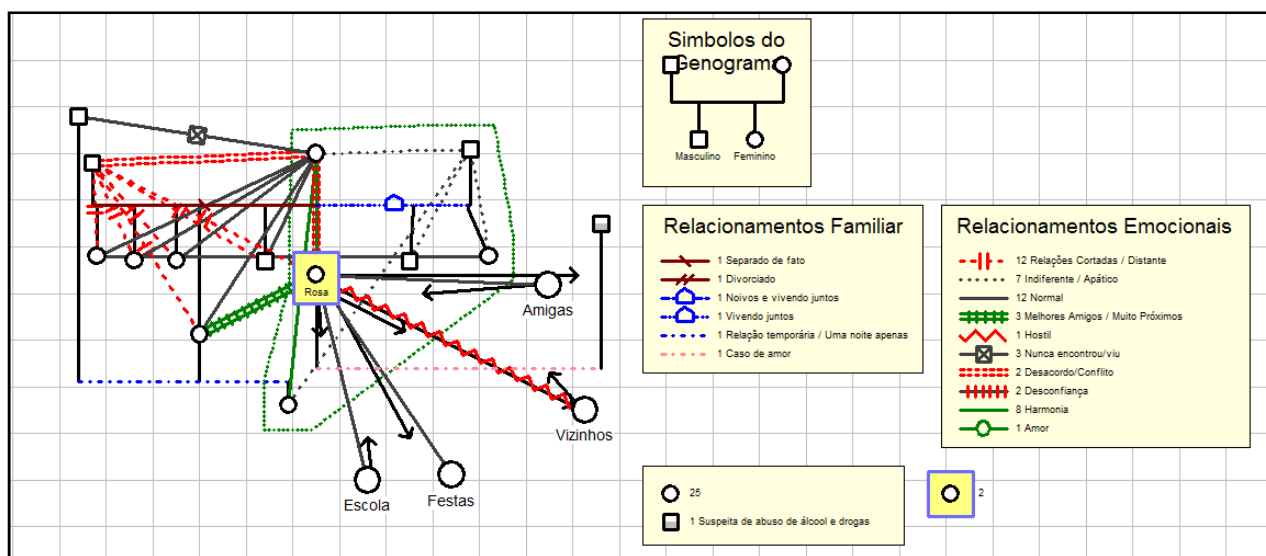


Figura 1. Genograma e Ecomapa de Rosa antes da gestação

boa convivência também foi notada em investigação desenvolvida com adolescentes gestantes em um município de médio porte da região norte do Estado do Ceará, em que se verificou a atenção dispensada à parceira e à ampliação da afetividade na gestação (Aguiar *et al.*, 2018). No que se refere à relação da adolescente com a comunidade (vida social) antes da gestação, as mesmas identificaram os locais que frequentavam, as pessoas com quem iam a esses locais e a escola com baixa assiduidade.

Festa, balada, escola e saía muito com as amigas. (Azaleia)

Eu não ia muito pra escola, ia mais pra festa com minha prima e umas colegas minhas. (Rosa)

Eu ia pra igreja, pra lanchonetes, assim(...) não ia muito pra festa. Eu ia com amigos, com namorado. Com minha mãe eu ia pra igreja também, com minha irmã. (Tulipa)

Questionadas sobre as mudanças que ocorreram na vida social após o descobrimento da gestação, obtiveram-se as falas a seguir:

Não, eu parei de ir (risos). Por causa da gravidez me proibiram, senão eu ia mesmo, eu ia pra festa. [...]. Acho que não me atrapalha em nada. (Azaleia)

[...] parei de ir, porque tava grávida. Eu já quase não ia à escola, quando eu parei de estudar minha barriga ainda tava um pouco pequena, só minha prima que percebeu, só que eu não queria mais ficar lá na escola, porque o povo me olhando. (Rosa)

No primeiro momento eu me sentia, assim (...) quando eu ia lanchar as pessoas ficava olhando, e eu ia e ficava com vergonha. Não vou mais em alguns lugares, e vai mudar um pouco a minha vida, em relação aos planos que tinha feito dos estudos e o queria fazer. Nesse momento agora não muito, vai mudar quando ele nascer. Eu não vou poder me dedicar aos estudos, vai ficar complicado e ser meio ruim pra eu estudar. (Tulipa)

Em relação à convivência das adolescentes com a comunidade, antes da gestação, foram fatores importantes nas falas: pouca

assiduidade escolar e idas à lanchonete e/ou festas, bem como à igreja. Ademais, a gestação afastou ainda mais as adolescentes de seu convívio comunitário por se sentirem desaprovadas ou por vontade de familiares. Estes achados corroboram com o estudo executado em Parnaíba-PI, que revelou o afastamento da adolescente do seu círculo de amizades e dos serviços sociais (Maranhão *et al.*, 2018). Ademais, a necessidade do amadurecimento brusco durante a gravidez na adolescência traz privações das atividades de lazer e restrição das amizades, principalmente para as adolescentes, pelo fato dos cuidados domiciliares ser mais responsabilidade concedida a elas do que ao parceiro (Santos *et al.*, 2015).

Nota-se que a gravidez afetou a rede social das adolescentes, sendo que a interrupção dos estudos foi o que mais se repetiu entre as falas. Entretanto, foi possível perceber que, em todos os casos, elas passaram a estabelecer uma maior proximidade com o serviço de saúde de sua comunidade. Ressalta-se que, embora essa aproximação tenha ocorrido em virtude da nova condição de saúde, a mesma poderá se firmar com o acompanhamento pré-natal e após o nascimento da criança, tendo em vista os cuidados essenciais à saúde desta, bem como da futura puérpera. O fortalecimento de uma rede de apoio social para uma adolescente grávida se faz imprescindível. Sendo esta rede formada por familiares das adolescentes, pela comunidade ou mesmo pela instituição de saúde, para que possam enfrentar melhor as dificuldades decorrentes da gestação, atingindo melhores índices de saúde e bem-estar físico e psicológico (Moreira; Sarriera, 2008).

Genogramas e ecomapas

A partir da análise das falas acima descritas, foram construídos genogramas e ecomapas sobre as relações familiares e sociais das adolescentes (Figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6). Nestes instrumentos, foram observadas fragilidades nas relações antes e após a gestação, e aproximação com os serviços de saúde durante a gravidez. Em Fortaleza-CE, também se avaliou as relações familiares de uma adolescente antes e após a gestação, utilizando genograma e ecomapa, e foi percebido-se que, anteriormente à gravidez, foram encontrados pontos de conflito entre a adolescente e familiares, com interação superficial, que se estendia ao lazer e a UBS, a qual era

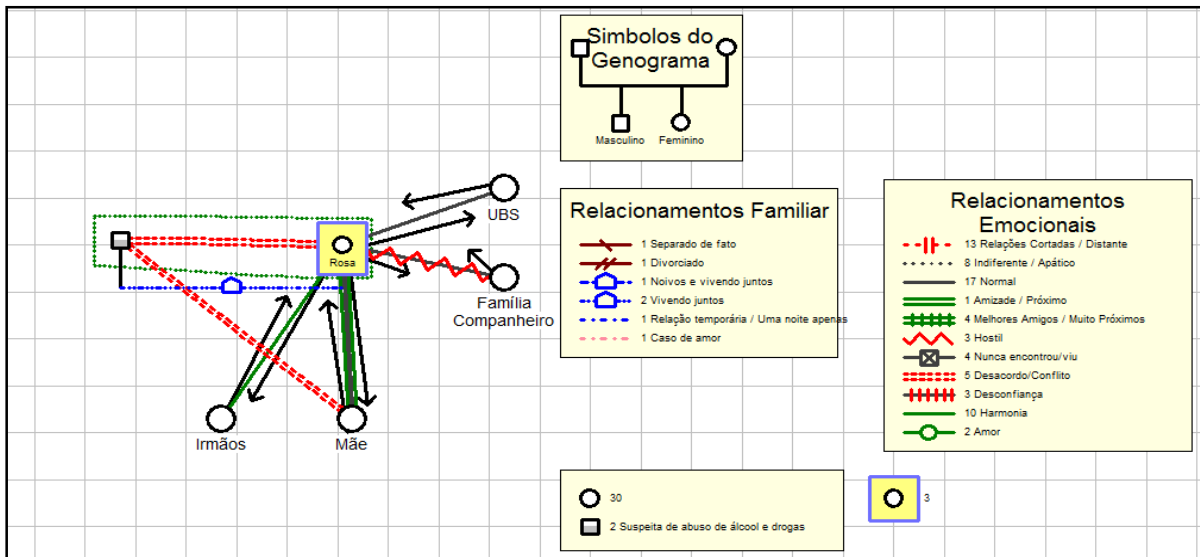


Figura 2. Genograma e Ecomapa de Rosa após gestação

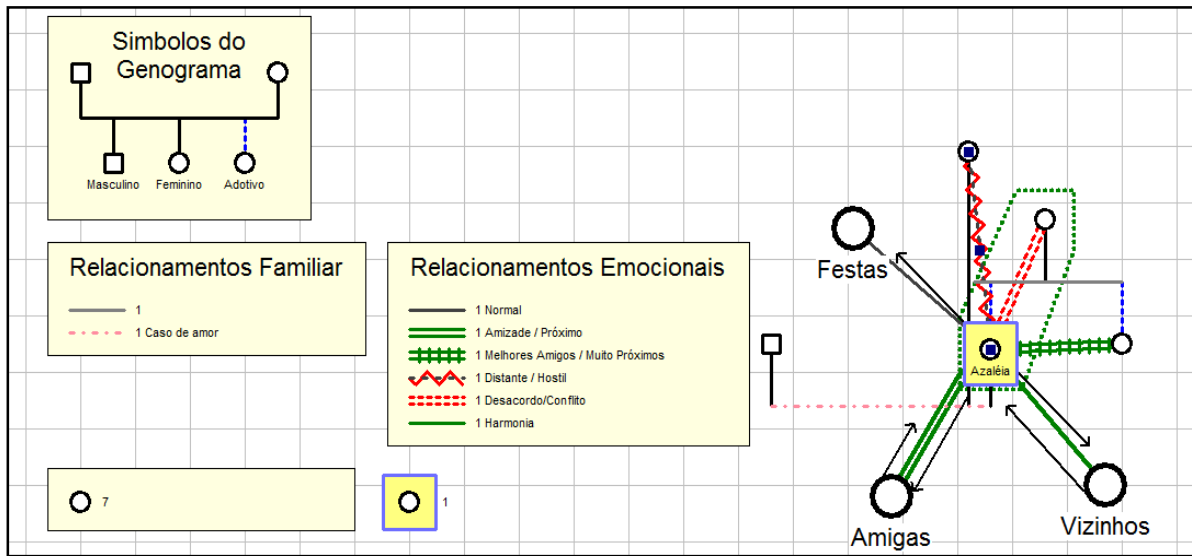


Figura 3. Genograma e Ecomapa de Azaleia antes gestação

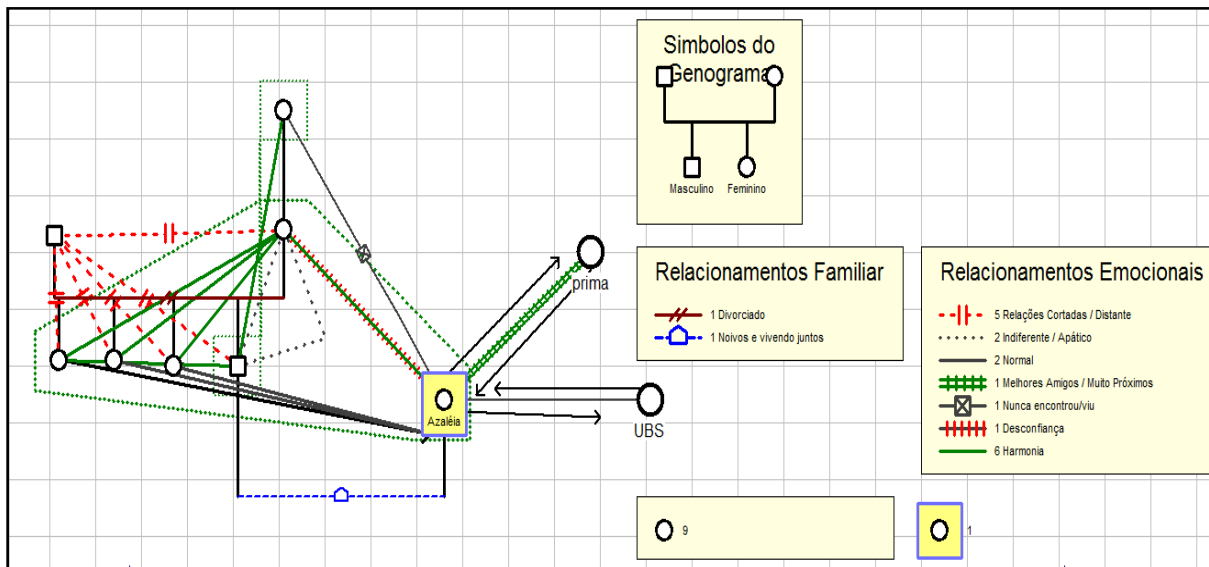


Figura 4. Genograma e Ecomapa de Azaleia depois da gestação

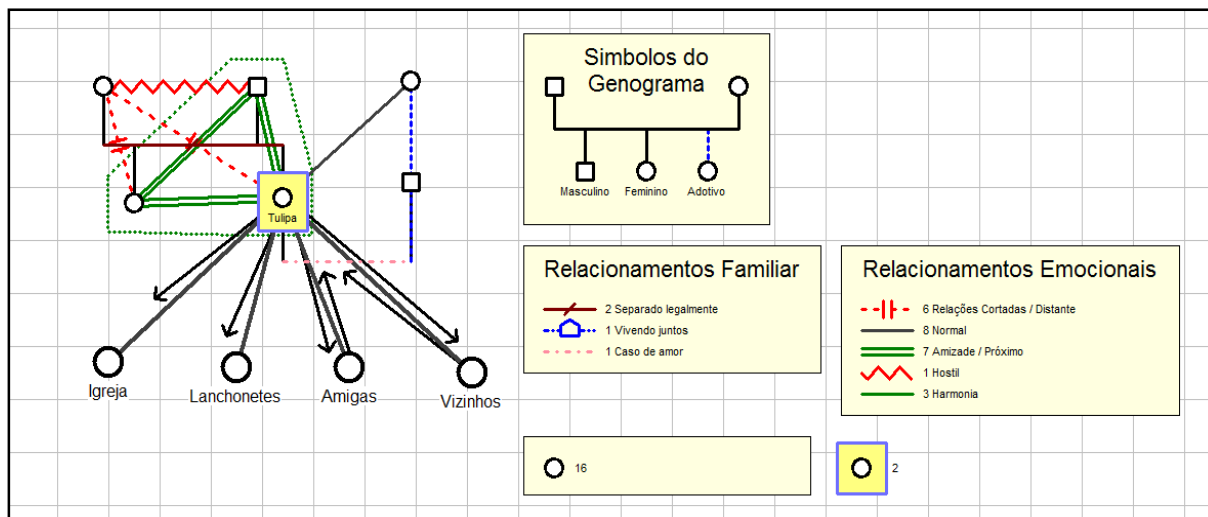


Figura 5. Genograma e Ecomapa de Tulipa antes da gestação

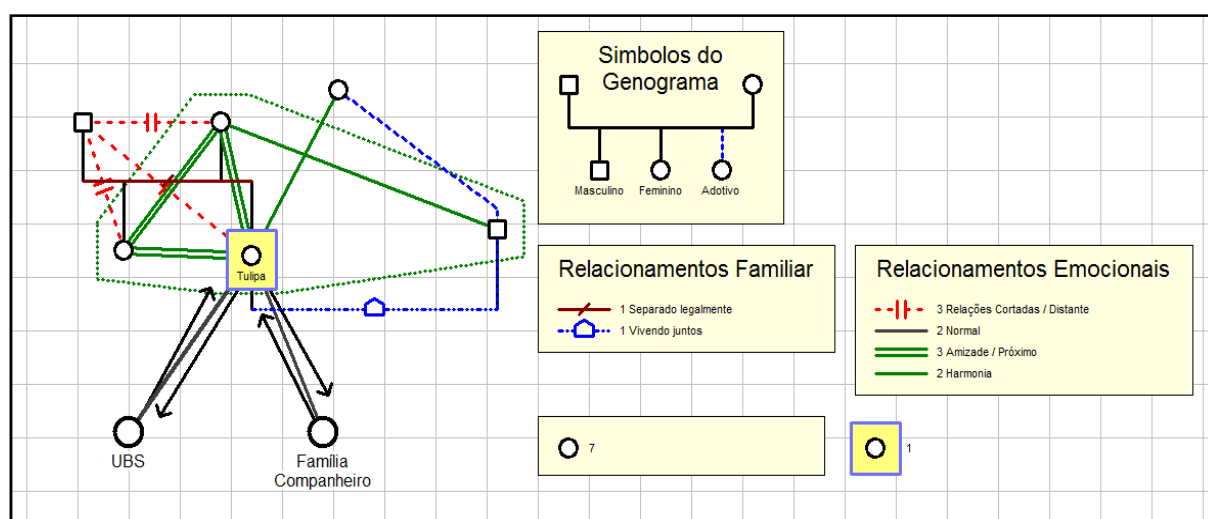


Figura 6. Genograma e Ecomapa de Tulipa depois da gestação

procurada apenas para a solução de algum problema de saúde. Porém, após a gestação, os laços comunitários se fortaleceram introduzindo a família em outras redes de convívio (Diógenes; Oliveira; Carvalho, 2011). Os aspectos negativos puderam ser vistos, quando relacionados principalmente ao meio intrafamiliar, e ao sofrimento gerado pela falta de apoio, não se sobressaindo sobre os positivos que dizem respeito à felicidade, ao papel materno, à possibilidade da construção de novos vínculos afetivos e de pertencimento a uma família.

Considerações Finais

As percepções sobre o momento da descoberta da gravidez trouxeram sentimentos como felicidade. Contudo, emoções como angústia, medo da responsabilidade e o sofrimento psicológico gerado pela falta de apoio familiar foram vivenciados. Sobre as relações sociais, não existiu referência à participação em atividades comunitárias com frequência escolar de baixa assiduidade. Após a gestação, novos arranjos familiares se formaram e as relações se estenderam à UBS, sobressaindo-se os aspectos positivos, probabilidade de novas ligações afetivas, aos negativos, que se relacionavam ao meio intrafamiliar anterior à gestação. Ademais, sugere-se a realização de novas pesquisas que investiguem mais profundamente os sentimentos, bem como as relações familiares e sociais, que envolvem a gestação na adolescência,

para que estratégias de acolhimento integral das adolescentes e famílias sejam elaboradas e implementadas, de modo a garantir melhor assistência social e de saúde.

REFERÊNCIAS

- Aguiar FAR *et al.* 2018. Experiência da gravidez entre adolescentes gestantes. *Rev enferm UFPE on line*. 12(7):1986-1996. <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i7a236243p1986-1996-2018>
- Bardin L. 2011. Análise de conteúdo. 70.ed. São Paulo: Edições 70.
- Brasil. 2006. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Diário Oficial da União, 8 de agosto.
- Brasil. 2017. Sistema de Informações de Nascidos Vivos – SINASC. Brasília: Departamento de informática do Sistema Único de Saúde. Disponível em:

- <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>.
- Cremonese L *et al.* 2019. Vivências do Período Gravídico-Puerperal na Perspectiva de Mulheres Adolescentes. *J. res. fundam. care. online*. 11(5):1148-1154.
- Demori CC *et al.* 2018. De mulheres para mulheres: rede social de apoio às adolescentes grávidas. *Rev enferm UFSC*. 8(2):247-62. <http://dx.doi.org/10.5902/2179769229288>
- Diógenes MAR, Oliveira MG de, Carvalho YAXB de. 2011. Aspectos estruturais, desenvolvimentais e funcionais da família de adolescente grávida fundamentados no Modelo Calgary. *Rev Rene*. 12(1):88-96.
- Fontanella BJB *et al.* 2008. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad Saúde Pública*. 24(1):17-27. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>
- Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). 2017. Situação da População Mundial 2017. Mundos Distantes: Saúde e direitos reprodutivos em uma era de desigualdade. New York: UNFPA. Disponível em: https://popdesenvolvimento.org/images/noticias/ReportUNFPA2017_SaudeDireitosReprodutivosDesigualdade.pdf.
- Ibiapina LG *et al.* 2017. Assistência de enfermagem as adolescentes gestantes sob a ótica de Callista Roy. *Enferm foco*. 7(3/4):46-50. <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2016.v7.n3/4.915>
- Jager ME, Dias ACG. 2015. A Paternidade na Percepção de Adolescentes de Classes Populares. *Psicol ciênc prof*. 35(3): 694-710. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000382014>
- Jezo RFV *et al.* 2017. Gravidez na adolescência: perfil das gestantes e mães adolescentes em uma unidade básica de saúde. *Rev enferm Cent-Oeste Min*. 7. doi: <http://dx.doi.org/10.19175/recom.v7i0.1387>
- Lima MNF de A *et al.* 2017. A. Adolescentes, gravidez e atendimento nos serviços de atenção primária. *Rev enferm UFPE on line*. 11(5):2075-82. <http://dx.doi.org/10.5205/reuol.9302-81402-1-RV.1105sup201712>
- Maranhão TA *et al.* 2018. Atitudes e reações familiares e sociais diante da gravidez na Adolescência. *Rev enferm UFPE on line*. 12(4):840-8. <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i3a234547p840-848-2018>
- Moreira MC, Sarriera JC. 2008. Satisfação e composição da rede de apoio social a gestantes adolescentes. *Psicol estud*. 13(4):781-9. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000400016>
- Moreno Mojica C *et al.* 2017. La realidad de convertirse en madre: vivencias de una adolescente. *Investig Enferm Imagen Desarr*. 19(2):13-28.
- Nascimento LC *et al.* 2005. Contribuições do genograma e do ecomapa para o estudo de famílias em enfermagem pediátrica. *Texto Contexto Enferm*. 14(2):280-6. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072005000200017>
- Nascimento LC *et al.* 2014. Genograma e ecomapa: contribuições da enfermagem brasileira. *Texto Contexto Enferm*. 23(1): 211-220. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072014000100025>
- Pinzón-Rondón ÁM *et al.* 2018. Factores asociados al inicio de vida sexual y al embarazo adolescente en Colombia. Estudio de corte transversal. *Rev. chil. obstet. ginecol*. 83(5):487-499. <http://dx.doi.org/10.4067/s0717-75262018000500487>
- Salcedo Barrientos DM *et al.* 2013. Compreendendo a gravidez na adolescência e as situações de violência intrafamiliar. *Indagatio Didactica*. 5(2):392-406. <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/2460/2331>
- Santos PFBB *et al.* 2015. Significados da maternidade/paternidade para adolescentes que vivenciam esse processo. *Rev enferm Cent-Oeste Min*. 5(2):1629-42. <http://dx.doi.org/10.19175/recom.v0i0.819>
- Sena Filha de VL. 2013. Representações Sociais da gravidez na adolescência para profissionais de Unidades de Saúde da Família. [Dissertação]. Recife: Universidade Federal do Pernambuco.
- Silva ELC *et al.* 2014. Gravidez e dinâmica familiar na perspectiva de adolescentes. *Bol Acad Paul Psicol*. 34(86):118-38.
- Taborda JA *et al.* 2014. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. *Cad saúde colet*. 22(1):16-24. <http://dx.doi.org/10.1590/1414-462X201400010004>
- Teixeira S *et al.* 2015. Violência perpetrada por parceiro íntimo à gestante: o ambiente à luz da teoria de Levine. *Rev Esc Enferm USP*. 49(6):882-9. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420150000600002>
